

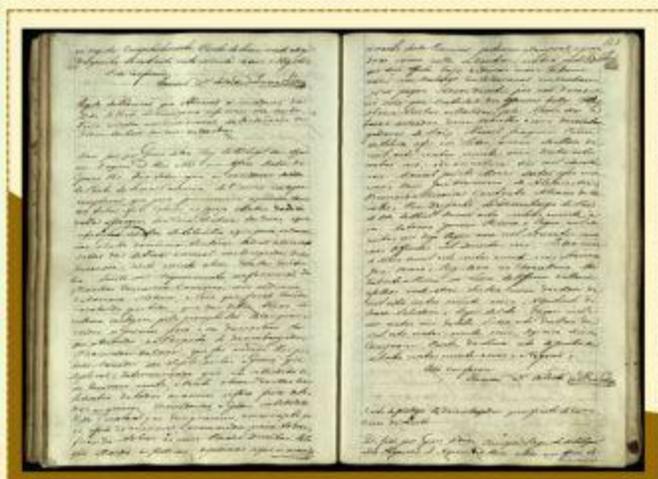


185 ANOS DAS FEIRAS NOVAS (1826-2011)

Em 1825 fez esta Câmara *"saber a Sua Magestade, que nada oppunha à pretensão dos moradores desta villa quererem três dias de feiras sucessivas nos dias 19, 20 e 21 de Setembro de cada ano"*.

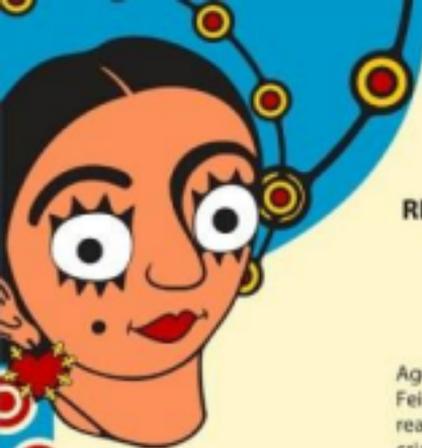
Esta pretensão tinha como finalidade, por um lado conservar o culto a Nossa Senhora das Dores, cuja imagem tinha sido colocada na igreja matriz da vila com o intuito de promover a piedade cristã e por outro

lado, porque *"das ditas feiras resultava vantagem pela promptidão de comprar e vender os percisos para o uso doméstico"*. Assim, em 5 de Maio de 1826 obtiveram os moradores da vila de Ponte de Lima, por provisão do rei D. Pedro IV, autorização para se fazerem todos os anos, em ocasião das festividades de Nossa Senhora das Dores, *"feira de todos os géneros, mercadorias e gados na sobredita villa e no local que designarem"*.



AMPL. Livro de registo geral, "Provisão de D. Pedro IV pela qual autoriza a realização de três dias de feira por ocasião das festividades de Nossa Senhora das Dores" 1819-1829, ffs. 138v-139. Cota 2.1.4.cx.7-2

Estavam assim instituídas as Feiras Novas em oposição às Feiras Velhas referenciadas no foral concedido por D. Teresa, em 1125.



"ESTE ANO NÃO HÁ FESTA!" REGISTO PARA UMA HISTÓRIA DOS RUMORES SOBRE AS FEIRAS NOVAS.



Agosto de 1905. Faltava apenas um mês para a realização das Feiras Novas e na vila corria o rumor de que naquele ano não se realizaria a festa. Para desalento de muitos, ainda não se tinha criado uma comissão que a organizasse. Na edição de 19 de Agosto daquele ano, o jornal "Comércio do Lima" publica estas quadras de gosto popular e tom irónico, assinadas pelo "Risonho":

*Visto correrem boatos
De que não há Feiras Novas
Julgo-me eu auctorizado
A dizer que ha feiras novas,
Como nos annos transactos.*

*... da terra velha usança
Propalar que não ha festas.
Mas logo que o tempo avança,
Formam-se as comissões
lests
E começa à contradança.*

*Podemos ter a certeza.
(Visto que somos de casa
E p'ra nós não é surpresa.
E nem isto a coisa atraza):
Ha feiras-francas, franqueza!*

*... o programa variado,
É entre outras diversões,
Há touros, não no Arnado,
Mas no largo de Camões,
C'ò Antoninho Soldado.*

*Felizmente, corra vaz
De não haver romaria;
Que mal 'stariamos nas
Se houvesse a lembrança atraz
De fazer constar que havia.*

Assim, mais uma vez, um dos rumores que fazem a história desta festa, particularmente no final do século XIX e primeiras décadas do séc. XX, cumpriu o seu curso, animando conversas, preenchendo colunas nos jornais e preparando o terreno para o aparecimento de uma comissão, que todos os anos sobrevinha com aura messiânica e acabava por concretizar um programa festivo associado à feira.

Embora a edilidade tivesse recusado apoiar a comissão, "organizada à ultima hora" (Comércio do Lima, 23 de Setembro de 1905) e constituída por Manuel de Sousa Amorim, Jorge Malheiro e José Pinto Ferreira, o programa anunciado foi cumprido.

Contam as crónicas que valeu pelo primeiro dia, que "foi preenchido pela festa dos bombeiros voluntários" e, à noite, pela abertura das quermesses "na Praça da Rainha, que se achava profundamente illuminada, tocando ali conjuntamente as bandas dos bombeiros d'esta villa e de Famalicão" (Comércio do Lima, 23 de Setembro de 1905). No ano em que se comemora o décimo aniversário da Associação Concelhia das Feiras Novas, talvez tenha sentido resgatar do passado a história da organização da festa, dos seus agentes e modos de operar. De igual modo, compor a narrativa do rumor, esse lado silencioso e sombrio que antecede qualquer grande evento como as vetustas Feiras Novas.

José Carlos de Magalhães Loureiro



ORGANIZAÇÃO DAS FESTAS



Contrariamente, em as Feiras Novas de 1921 decorreram "talvez as mais extraordinárias feiras das que se realizaram nesta vila", por iniciativa do Dr. Raul Teixeira e do Conde d'Aurora, a quem se deve a organização da exposição de arte antiga e da tourada, respectivamente. Em 1924 devido ao "orçamento pavoroso", levanta-se a hipótese de não se realizar a festa. Apesar disso, acaba por haver feira no dia 19 de Setembro e o lançamento de foguetes por parte de populares em sinal de protesto.

Ainda sobre os atrasos na programação e/ou na falta de empenho dos pontellimenses, António Amorim redige, em 1925, um texto exortando para que as festas não terminem: "As Festas de Setembro, não podem acabar, enquanto existir alguém que ame a nossa terra! (...) Nós queremos umas festas de que nos possamos orgulhar - um cartão de visitas aos forasteiros que nos visitam e que partem levando impresso na retina a luz vagabunda que nos tonalisa, que nos enche de claridades".

As Feiras Novas

Estava largamente conhecida a festa de costumes, dia 20, tendo-se adido outras tradições em grande variedade e número. Ou seja, dia 20, toda se põe a cantar...

Não para que não dá isto possamos sem um litro de vinho de qualquer casa que se faça nos atores como se no feiro de Alca de Pente, em sinal de protesto, lançarem ao ar alguns foguetes que criam um sorriso de satisfação para os de lá de cá...

Houve 20 Feiras e a banda dos Artistas tocou dia 9 ao 12 tocou. Hoje, dia 21, não, não, não, não, não... à noite não dá de tocou.

Cardel Saravia de 21/09/1924

Festas de Setembro

Continua o desinteresse!

Continua a apatia!

Continua a vergonha de não haver ainda uma comissão organizada para levar a cabo as festas de Setembro!

Que miséria!...

Cardel Saravia de 23/07/1925

Em 1926, Ponte de Lima abriu "um parêntesis na sua vida pacata, sorumbática e sonolenta para festejar garridamente as festas comemorativa do primeiro centenário das Feiras Novas". Fizeram parte da comissão de festas: António Malheiro de Moraes, Augusto Leite de Magalhães; Benjamim Alves, José Pereira Correia, Júlio Pereira Pinto Júnior, Manuel de Sousa Amorim, Plágio dos Reis Lemos e Raul Oliveira Pimenta.



ORGANIZAÇÃO DAS FESTAS



Em 1948 a comissão de honra é constituída pelos Presidente da Câmara, Presidente do Grémio da Lavoura, Presidente do Grémio do Comércio e Presidente da A. dos Bombeiros Voluntários.

Nas décadas subsequentes, através da imprensa, é notória a intervenção do Grémio do Comércio na organização das comissões encarregadas de levar a efeito as tradicionais festas concelhias. No entanto, as críticas continuam e não raras vezes lê-se na imprensa que *"ainda não se formou a comissão"* e que *"a situação de inércia não pode manter-se"*.

Em 1964 surge uma dinâmica e arrojada comissão de festas que *"teve a feliz ideia e louvável iniciativa de organizar um cortejo etnográfico para abrilhantar as sempre típicas Festas de Ponte"* e terminadas as festividades conclui-se que *"o cortejo etnográfico, a iluminação da Igreja de Santo António da Torre Velha atingiram êxitos inesperados"*. A partir de então a comissão de festas das Feiras Novas entra numa nova era e esmera-se por apresentar anualmente um programa denso e enriquecido por cortejos e exposições.

No dealbar do séc. XXI é constituída a Associação Concelhia das Feiras Novas - em 16 de Janeiro de 2001.



Carteal Saravia de 09/09/1926



RUMO ÀS FEIRAS NOVAS



Ponte de Lima recebe com a Fidalguia tão tradicional do seu Povo, os seus ilustres visitantes.

A. Amorim Castro e Sousa



Anunciador das Feiras Novas, Nº 2 (1963)

"De longe vêm os forasteiros, os tendeiros e cantadores, que à vila dão um ar cosmopolita de uma alacridade só aqui vivida".

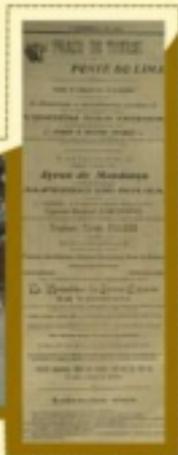
Padre Manuel Dias Foto: Conde d'Aurora

"Este formigueiro de povo pelo seu pé aflui de todos os lados, por encostas, montes e valados, e era a mulher quem lhe influa mais animação, porque, consoante diz o rifão, *cabras à horta e mulheres à romaria ninguém as toque*".

José Crespo

"Touradas em Ponte de Lima! Que lembranças saudosas de tardes de alegria, ruidosas cavalgadas, tardes de sol e de fogo, ardentes de entusiasmo".

Conde d'Aurora



Fotos: Amândio de Sousa Vieira

Comercio do Lima de 18/9/1909



RUMO ÀS FEIRAS NOVAS



"Não há no norte de Portugal romaria grande sem um grupo de "Gigantones" e "Cabeçudos" a passear pelas ruas da terra, precedido de "Zés P'reiras" a rufar ..."

Maria Emília de Vasconcelos

"Os característicos descantes populares, com as danças do vira e da chula, por grandes dançarinos anónimos do nosso povo; as tocatas do cavaquinho e do harmónio - relíquias quasi sempre guardadas para sô se mostrarem nas festas de Ponte".

A. Amorim Castro e Sousa



Fotos: Amândio de Sousa Vieira



RUMO ÀS FEIRAS NOVAS



"A vistosa iluminação à "moda do Minho" domina no seu arranjo cenográfico de filas paralelas, dependuram-se os balões e as clássicas tigelinhas de barro, dentro de copos de papel colorido, que à noite se acendem numa miríade de lumes tremelicantes".

José Crespo



Fotos: Amândio de Sousa Vieira

"O melhor da festa é sempre a noite do arraial ... uma "féerie" deslumbrante de luz, de cintilações, de fumo e de estampidos, em estonteadora e quente barulheira. Assiste-se ao delírio das grandes manifestações da espontaneidade popular".

José Crespo





AS SOLENIDADES RELIGIOSAS



Durante o séc. XIX cabia à Irmandade de Nossa Senhora das Dores a organização da Festa das Dores, mas com a implementação da República e segundo Amândio de Sousa Vieira "poderá ter sido em Setembro de 1910 a última procissão em Honra de Nossa Senhora das Dores".

"Desde que, em 1956, D. Carlos Martins Pinheiro recuperou a Procissão em Honra de Nossa Senhora das Dores, o último dia das festas passou a ter outra importância, ganhando, de novo, o culto à Senhora a antiga devoção.

Amândio de Sousa Vieira

Em 1956 "saiu uma pomposa procissão de N. Senhora das Dores, como outrora se realizava, agradando plenamente pelo seu variado e impecável figurado, do qual faziam parte representantes de inúmeras freguesias do concelho".

Cardenal Saraiva de 27/09/1956



"O terceiro dia (...) É dia de Missa Solene e vistosa Procissão. As autoridades, Comissão, Dignitários convidados, tudo a rigor, tomam parte no préstito religioso a que assistem, devotos e embevecidos, milhares de fiéis".

Padre Manuel Dias

Fotos: Amândio de Sousa Vieira





A FEIRA FRANCA OU FEIRA DAS TROCAS



"As importantes feiras francas que atraem nos três dias de festa todo o povo das aldeias deste e doutros concelhos vizinhos com os seus produtos agrícolas e industriais, belos exemplos de gado bovino, caprino e cavalari, são consideradas como o mais policromo e interessante como o mais mostruário regional de todo o Alto Minho e onde se costumam efectuar as mais vantajosas transacções".

Cardenal Saraiva, 16/09/1977



"Eram francas mas honestas, de tal modo que se convencionou que quem vendesse algo com defeito ou má querença aceitasse no segundo dia a devolução. É o tradicional dia das trocas".

Padre Manuel Dias



"Pelo Largo de S. João e alameda da feira do gado vai à capelinha do santo, montam-se, experimentam-se os garranos: É a feira dos burros..."

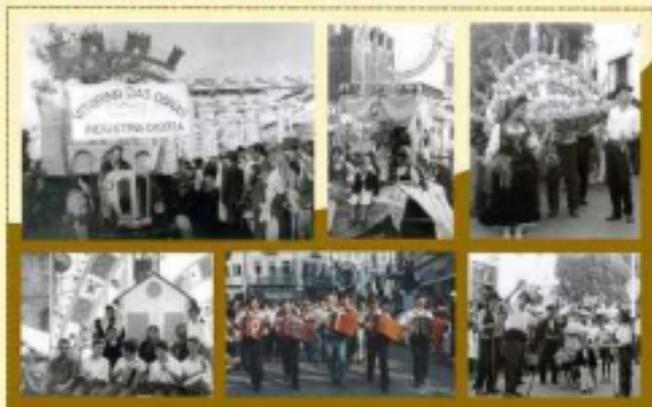
Conde d'Aurora



Fotos: Conde d'Aurora



O CORTEJO ETNOGRÁFICO



"Desde 1964 que o programa das Feiras Novas põe nas ruas este interessante desfile das gentes da Ribeira-Lima numa demonstração das suas inúmeras actividades tradicionais, em representação das suas 51 freguesias. Ali vai a alegria de quem semeia com esperança para colher a sua subsistência, regada com suor do muito esforço mas amenizado com descantes ao desafio. A vida decorre aqui ao ritmo das feiras e das romarias que pontuam ciclicamente a intensa labuta diária. As estações do ano pautam os ritos herdados da Tradição neste vergal idílico do Baixo-Lima que se expande até ao Neiva. Aqui se colhe de tudo e se manufacturam desde os arados aos cestos para colheita, desde os tamancos dos pés ao linho para a mesa e mortalha. Para melhor se entender começaremos pelo que é lúdico e

festivo envolvendo a comunidade, passando ao trabalho de interajuda para concluir com a actividade artesanal subsidiária desta vida que por ser tão simples é contínua festa".

Padre Manuel Dias



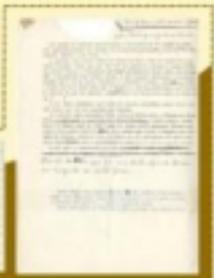
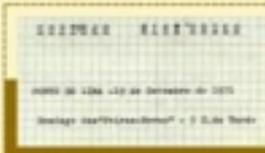
Fotos: Amêndio de Sousa Vieira



O CORTEJO HISTÓRICO



"Foi em 1971 que um cortejo histórico começou a aparecer nos programas das Festas do Concelho a preencher a tarde de Domingo, até então sem mais que bandas e conversa no Largo de Camões."



AMPL, Arquivo particular do Padre Manuel Dias, Pormenores do guião original do cortejo histórico de 1971.

"Pelas ruas velhinhas desta "mui nobre e leal vila de Ponte de Lima" passa o cortejo histórico que nos lembra muito da sua gloriosa história e da história da nossa Pátria. Este cortejo, pretende ser, mais que um vistoso desfile, uma lição para aprender, um orgulho a marcar o rumo do futuro."



"Vamos ao domingo que é dia mais engravatado. Mete Cortejo Lendário este ano. Esgotou-se a história, aproveitemos as estórias: deixemos a prosa, venha a poesia."

Textos do Padre Manuel Dias

Fotos: Amândio de Sousa Vieira



RETRATO DAS FEIRAS NOVAS



Quando, em 1826, nasceu esta festa imediatamente começou o seu registo. Primeiro, nos Livros da Confraria de Nossa Senhora das Dores, depois, nos jornais.

Em 1865 nasce o primeiro jornal de Ponte de Lima, "O Lethes", começando a imprensa local a noticiar as festas. Também a literatura acolhe apontamentos, reais ou ficcionados, das "Feiras Novas". Delfim Guimarães dedica-lhes um soberbo texto, incluído no "O Rosquedo", datado de 1900. São escritos que retratam as primeiras emoções de uma festividade que foi sempre grande. Com o aparecimento da fotografia, poucas décadas depois do início das Feiras Novas, começam a ser os testemunhos visuais os mais populares. Não existem muitas imagens do passado, infelizmente, poucas chegaram até

hoje. Um postal editado cerca de 1907, pelo Grande Hotel Marcos desta vila, mostra-nos a mais antiga fotografia conhecida das nossas festas. A partir daí a quantidade e qualidade vai crescendo, podendo hoje apreciar-se registos de várias épocas através do olhar de pintores e fotógrafos.





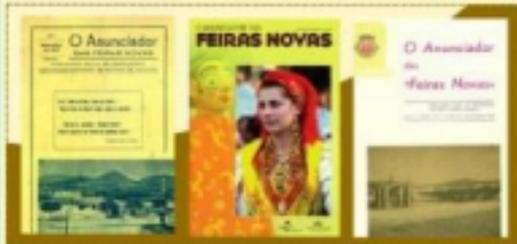
"O ANUNCIADOR DAS FEIRAS NOVAS"



Desde a sua origem até aos nossos dias, as Feiras Novas, pela importância e significado do acontecimento, foram sempre alvo do conhecimento público através da utilização dos meios de comunicação adequados a cada época, assumindo a Imprensa o principal veículo de informação.

Com o advento das novas tecnologias e do seu poderoso mediatismo e globalidade, a Imprensa, no seu todo, continua a ocupar primordial importância na publicação do importante evento, destacando-se, com especial evidência, os meios ao dispor, locais e regionais, pelo natural ênfase que lhe emprestam.

Neste contexto cabe-nos a responsabilidade de falar da revista "O Anunciador das Feiras Novas", publicação da qual foram editados 2 opúsculos (1947 e 1948) sendo mais tarde (1984), reiniciada a sua publicação, cujo historial passamos a registar.



entre as festas de Portugal..."

Nos anos seguintes, por dificuldades inerentes à época, a sua editora (Tipografia Augusto de Sousa), não mais publicou "O Anunciador", ficando os limianos privados deste útil e popular instrumento cultural.

Entretanto, em 1984, "O Anunciador das Feiras Novas" reaparece, em II série, por iniciativa de Alberto do Vale Loureiro, que assumiu a orientação e responsabilidade da sua edição em novos moldes que, embora modestos mas arrojados, se traduziram numa edição de 1.000 exemplares, com 88 páginas, sendo a capa impressa a 3 cores. A sua nova feição informativa com carácter de revista, passou a designa-lo como Publicação Anual de Informação, Cultura, Turismo e Artes Limianas.

Os anos subsequentes são acompanhados de assinaláveis progressos muito pela mercê do acolhimento da revista no seio da comunidade limiana e da sua aceitação nos mais variados sectores, quer no aspecto literário e económico quer ainda pelas demonstrações de apoio dadas por dedicados e arrojados limianistas, cujos préstimos levaram a edição a sucessivas melhorias gráficas que se destacam pela introdução da cor e aumento de páginas (224), sendo a sua tiragem de 1.800 exemplares.

Com publicação ininterrupta (1984-2010), "O Anunciador das Feiras Novas", por doação do seu reeditor, é propriedade da Associação Empresarial de Ponte de Lima, responsável pela sua edição, mantendo-se, no entanto, como seu coordenador, Alberto do Vale Loureiro.

1947 - Em forma de opúsculo, com 32 páginas, mais capa, aparece ao público, pelas mãos de Augusto de Castro e Sousa, o número I de "O Anunciador das Feiras Novas", designando-se como uma publicação anual de propaganda, tendo como objectivo principal anunciar as Feiras Novas ao mesmo tempo que pugnava pelo progresso de Ponte de Lima.

1948 - Continuando a mesma senda é publicado o número II, cuja nota de abertura, no seu último parágrafo, diz: "...As Feiras Novas" - Para que traçar-lhe o perfil? - São grandes

